

A SUPREMACIA PAPAL NO FINAL DO SÉCULO XII ATÉ O INÍCIO DO SÉCULO XIII: ALGUNS ELEMENTOS ESSENCIAIS DO PONTIFICADO DE INOCÊNCIO III

Mussá Maria Cossa*

Resumo: O período entre o desfecho do século XII e os primórdios do século XIII, registra fatos históricos de suma importância na pesquisa sobre a relação entre o poder temporal de reis/imperadores e o poder espiritual do Papa. Como se poderá notar, este período foi marcado pela supremacia papal onde uma das principais metas dos papas era assegurar sua posição de liderança total sobre o território da cristandade. Aliás, este objetivo era de suma importância e diretiva das atitudes dos papas em relação ao poder temporal. Deste modo, havia uma dicotomia entre as atitudes essencialmente tradicionais dos papas em relação às estruturas políticas internas da sociedade secular e sua visão radical, até mesmo revolucionária, do lugar da Igreja neste mundo. Em virtude disso, a presente pesquisa tem por objetivo, apresentar alguns elementos essenciais do pontificado de Inocêncio III, interpretando-os dentro do seu tempo e atualizando-os em uma vivência que não oculte os 'absurdos' que a Igreja realizara na sua história, mas que saiba aprender do passado para melhor viver o presente e perspectivar o futuro.

Palavras-chave: Inocêncio III. Supremacia papal. Igreja. Cristandade.

PAPAL SUPREMACY IN THE LATE 11TH CENTURY TO THE EARLY 12TH CENTURY: SOME FEATURES OF THE PONTIFICATE OF INNOCENT III

Abstract: The period between the end of the 12th century and the beginning of the 13th century, contains historical facts of utmost importance in researching the relationship between the temporal power of kings/emperors and the spiritual power of the pope. As it will be noted, this period, was marked by papal supremacy where one of the main goals of the popes was to secure their position of total leadership over the territories of Christendom. In fact, this goal was of paramount importance and directive to the popes' attitudes towards temporal power. Thus, there was a dichotomy between the popes' essentially

* Mussá Maria Cossa possui graduação em Filosofia pela The Catholic University of Eastern Africa (CUEA) [Universidade Católica da África Oriental]. Graduando em Teologia pela Faculdade Palotina FAPAS. Atualmente, o autor é estagiário no Complexo Patronato atuando na Faculdade Palotina; na Escola Antônio Alves Ramos (Pallotti); na Gráfica Pallotti e no Centro Social e Cultural Vicente Pallotti em Santa Maria, RS, Brasil. E-mail: mussa.maria@yahoo.com / mussa.cossaa@gmail.com

traditional attitudes towards the internal political structures of secular society and their radical, even revolutionary, vision of the Church's place in this world. For this reason, the present research aims at presenting some essential elements of the pontificate of Innocent III, interpreting them within his time and bringing them up to date in a way that does not hide the 'absurdities' that the Church has carried out in its history, but rather learns from the past in order to live better the present and envision the future.

Keywords: Innocent III. Papal supremacy. Church. Christendom.

Considerações iniciais

A época de ferro da Igreja, (o tempo em que os leigos, homens e mulheres da elite e imperadores interferiam nas questões da Igreja), chegou ao seu ocaso, com a Concordata de Vórmia (Worms)¹ de 1122. Essa concordata, serviu para esclarecer a situação detalhadamente e também, de certo modo, para apagar as possíveis arestas existentes entre a Igreja e o Império. Aliás, ainda é de extrema importância ressaltar que já bem antes dessa concordata, o *Dictatus Papae* de Gregório VII (1085) havia marcado o início de uma era marcada pela disputa entre o poder temporal e espiritual. Desta forma, é relevante lembrar que a Concordata explanou a contenda das investiduras², declarando o papa como único possuidor das rédeas do poder espiritual.

A questão primordial que se deve ter em consideração, se resume em estabelecer a relação fundamental entre o Sacerdócio e o Império, entre o soberano temporal e o soberano espiritual. Ademais, durante o processo de esclarecimento de poderes (espiritual e temporal), vagarosamente começa a pairar a primavera da supremacia papal e a se formar o embrião da hegemonia

¹ Concordata de Vórmia: compromisso assumido em 1122 entre o Papa Calixto II (1119-1124) e o Imperador do Sacro Império Romano-Germânico, Henrique V (1106-1125) resolvendo a Controvérsia das Investiduras.

² Importa ainda colocar em relevo o fato de que a Concordata de Vórmia não acabou com o problema das investiduras.

pontifícia. Em linguagem analógica, poder-se-ia dizer que, o papado ia se sacudindo para se despojar do pó dos resquícios do domínio imperial, para se revestir, por todos os lados, de um vicejante manto de poder e domínio sobre todos os estratos sociais. Portanto, a supremacia papal foi um itinerário progressivo, marcado por barreiras e eventualidades imprevistas, por idas e vindas, atingindo o seu auge no pontificado de Inocêncio III.

Desta forma, partindo do princípio que estabelece o autoconhecimento como fator determinante para uma vida equilibrada, o presente artigo, busca apresentar de uma maneira sintética, alguns aspectos relevantes do pontificado de Inocêncio III, tratando-os como um legado que deve ser conhecido, interpretado e atualizado para a eclesiologia atual. Para se alcançar esta meta, primeiro far-se-á uma análise do contexto político, social e eclesial da Europa, detendo-se especificamente nos finais do século XI e início do século XII. Em seguida, abordar-se-á a consciência pontifical do Papa Inocêncio III, destacando sobretudo a sua concepção de poder, como Papa da Igreja. Este 'item' é sucedido pelo registro de alguns feitos marcantes do Papa Inocêncio III no seu pontificado. Por fim, aborda-se a questão das cruzadas e das heresias como duas frentes que o Papa teve que enfrentar no seu pontificado.

1 O contexto político, social e eclesial da Europa no final do séc. XII e início do séc. XIII

Os anos que se estendem desde o pontificado do papa Gregório VII até um pouco depois do pontificado de Inocêncio III, são apresentados pela maioria dos historiadores, como tempos caracterizados pela supremacia papal, onde o papa intervinha, não somente nos assuntos referentes à religião cristã católica romana, mas também nos assuntos concernentes ao andamento da sociedade. Aliás, o poder temporal neste período estava submetido à obediência papal, e

somente a ele lhe era reservado o direito à última palavra. Portanto, ninguém mais podia tomar uma decisão acima da que fora estabelecida pelo papa. Cabe ainda destacar, no entanto, que, o papa como cabeça da Igreja peregrina na terra, devia seus fundamentos somente a Deus.

Desse modo, gozando da sua autoridade suprema, o papa poderia inclusive depor imperadores e livrar as pessoas (os fiéis) de se sujeitarem a governantes temporais que não estivessem em comunhão com a Igreja na sua pessoa³. Dentro desse dado histórico, Schaff deixa entender que, antes de tratar de qualquer assunto, tratando-se da figura de Inocêncio III, é razoável fazer-se uma comparação da sua pessoa com a do seu predecessor Hildebrando⁴, dado que se pode contemplar no perfil dos dois uma força moral, uma energia intelectual e um forte desejo de restaurar e centralizar o poder espiritual e temporal nas mãos do papa (1907, p. 156). Desse modo, fazendo uma comparação de personalidades, nota-se que Inocêncio III se destaca de Gregório VII em aprendizado, diplomacia e administração. Por outro lado, Gregório VII se sobressai por ser um gênio criativo com caráter heróico, pois muitos o consideram protagonista da liberdade da Igreja (NOJEA, 2016, p. 99).

³ Convém nesta altura ressaltar que a supremacia papal, foi fruto de um movimento de um grupo de reformadores que havia gravitado em direção ao papado e haviam feito do papa o centro e principal agente de uma tentativa de modificar drasticamente o mundo ao seu redor. Eles queriam ver um mundo organizado de acordo com os princípios do cristianismo, unido na fé, seguro na paz, harmonioso no amor e na justiça. E estas mudanças só poderiam ser alcançadas através da liderança vigorosa daqueles que melhor compreenderam a fé cristã, a paz, o amor e a justiça: o clero, encabeçado pelo papa (MOORE, 2003, p. 5).

⁴ Hildebrando é nome do papa Gregório VII (1073-1085). Segundo Tivey, a figura deste papa é geralmente incluída entre os principais membros da Igreja da Idade Média central por causa do seu papel principal no movimento de reforma papal dos meados do século XI até o final do século XI. Seu pontificado há muito tempo foi reconhecido como um período formativo para a história europeia, no qual a dinâmica da reforma papal foi intensificada e orientada em novas direções, tanto em termos de coibir imoralidades clericais quanto de transformar a estrutura da sociedade cristã de modo mais geral. O pontificado de Gregório VII foi sem dúvida definido por seus esforços para transformar a figura da autoridade papal. Sua concepção "revolucionária" do estado da autoridade papal em relação ao poder secular e sua dupla excomunhão do rei alemão Henrique IV (1056-1106), em particular, pode ser interpretado como sementes da monarquia papal (2011, p. 1-5). Em suma, do ponto de vista histórico, segundo Nojea, o papa Gregório VII marcou profundamente a história dos papas, tendo, dentre outras óbvias qualidades, as da organização canônica da administração da igreja (2016, p. 97-98).

Dado à sua energia vital e à busca pela autoridade suprema e domínio total, muitas vezes se relaciona o Inocêncio III e seu antecessor Gregório VII como os que fazem um itinerário transitório de 'Augusto para Júlio' (SCHAFF, 1907, p. 156). Entretanto, tentando resumir o contexto em que os dois papas atuaram, Cairns afirma:

Os pontificados de Gregório VII e Inocêncio III dominaram os centenários da história do papado medieval. Estes homens não aceitavam a ideia de que Deus concedera ao papa e ao governo temporal a soberania coordenada das almas e dos corpos dos homens. O papa não podia aceitar a ideia de que derivava sua autoridade sobre a alma do governante temporal a quem Deus fizera soberano [...] (1992, p. 169).

Face aos dados apresentados sobre a figura destes dois papas, torna-se oportuno salientar que vários subsídios e apontamentos históricos, acenam ao fato de que jamais o papado exerceu tanta influência e controle no poder temporal como no período entre 1054 e 1305 na Europa medieval. Aliás, baseando-se em pesquisas históricas, pode-se elencar vários fatores que favoreceram tal movimento processual e avassalador de autoridade papal. Tais fatores serviram de adubo e irrigação para a fecundação das sementes da supremacia pontifícia no horto da questão primordial: a diástase entre *Imperium* e *Sacerdotium*, ou seja, a questão de quem leva a primazia entre imperador e o papa.

Schaff aponta que a situação política da Europa desse período beneficiava à afirmação de Inocêncio III no poder dado que, com a morte brusca de Henrique VI em 1197, aos 32 anos, o império alemão ficou sem um governante. Frederico, o único filho do Imperador, era ainda uma criança, pequena e vulnerável (1907, p. 160). Ademais, eclodiu, em toda Itália, um protesto contra o governo duro e opressivo de Henrique. O espírito da liberdade nacional ia ganhando repercussões cada vez mais incontornáveis. Então, um esforço geral

foi iniciado e perpetrado com o intuito de expelir os príncipes alemães e condes do solo italiano⁵. Outro fator que favoreceu a supremacia papal é o surgimento das universidades e do escolasticismo. Essa novidade na ótica de Cairns, “[...] fortaleceu os fundamentos intelectuais do poder papal. A reforma monástica redundou em benefício do poder papal, por dar ao papa muitos monges zelosos como seus obedientes servos” (CAIRNS, 1992, p. 173).

Esse período, pode então ser descrito em termos religiosos como um período confuso entre a Igreja Apostólica e a igreja imperialista, se nos é permitido nos expressar dessa forma. Como se pode notar, é um período que marca ao mesmo tempo, a história dos impérios ocidentais e do cristianismo (Igreja Católica Romana Apostólica). A disputa *Imperium-Ecclesia* era tão forte que nenhuma das partes cedia o seu poder nas mãos do outro de uma maneira aceitável para os nossos dias.

Foi dentro desta disputa pelo domínio que Lotário di Segni, Inocência III (1160 - 1216) foi eleito e consagrado bispo de Roma. Seu papado se estende desde o apagar das luzes do século XI até o alvorecer do século XII, ou seja, entre 1198 e 1216. Algumas fontes informam ainda que depois da sua educação básica em Roma, Lotário di Segni foi a Paris no ano 1170, ou nos anos subsequentes, com intuito de estudar Teologia, dado que na altura, a Universidade de Paris era o centro dos estudos teológicos, tendo como professores Pedro de Corbeil e Pedro de Chanter, dois dos teólogos mais famosos da Europa. Posteriormente, Lotário buscou se formar em Ciências Jurídicas (com especialidade no Direito Canônico) na Universidade de Bologna,

⁵ "The political condition of Europe was favorable to Innocent's assertion of power. With the sudden death of Henry VI., Sept. 28, 1197, at the early age of thirty-two, the German empire was left without a ruler. Frederick, the Emperor's only son, was a helpless child. Throughout Italy a reaction set in against Henry's hard and oppressive rule. The spirit of national freedom was showing itself, and a general effort was begun to expel the German princes and counts from Italian soil".

uma das grandes universidades da época. No período, o futuro Inocêncio III escreveu três tratados em Teologia: *De Miseria Conditionis Humane* (Sobre a Miséria da Condição Humana), *De missarum mysteriis* (Sobre os Mistérios da Missa), e *De Quadripartita Specie Nuptiarum* (Sobre os quatro tipos de casamento). Deveras, esses tratados descortinam as suas aptidões no uso da Bíblia para desvendar as verdades da fé e são provas da sua preparação científica na elaboração de reflexões teológicas cristãs pertinentes à fé católica romana apostólica. É provável que Lotário tenha ingressado nas ordens clericais em Roma enquanto jovem. Foi eleito Papa no dia 8 de janeiro de 1198, o mesmo dia em que o papa Celestino III, seu precursor imediato, morreu (CAIRNS, 1992, p. 173). Alguns historiadores relatam que como Lotário dei Conti era muito jovem (com 37 anos) para essa posição; sua eleição como vigário de Cristo e sucessor de Pedro teria sido fruto de uma intervenção divina, pois durante o processo, três pombas invadiram a sala do conclave e uma delas pousou na cadeira onde Lotário se acomodara deixando os cardeais convictos de que embora não sendo padre ainda, por ele, a Igreja tomaria novos caminhos rumos à realização mais perfeita da sua missão. Moore relata este acontecimento nos seguintes termos:

Lotário tinha recebido mais votos do que qualquer outro. Lotário afastou sua cadeira dos outros cardeais para deixá-los falar mais abertamente. Ninguém desafiou seu caráter ou seu aprendizado, pelo menos não abertamente, mas ele tinha, afinal de contas, apenas trinta e sete anos. Enquanto falavam, três pombas entraram no salão, e uma chegou para repousar perto da cadeira do Lotário. Os cardeais não eram homens crédulos, nem estavam inclinados a ceder seu direito de eleição a uma suposta intervenção divina. Ainda assim, a descida da pomba, a mais branca das três, causou sua impressão e talvez lhes tenha dado a coragem de colocar a juventude e o vigor na cadeira de Pedro (2003, p. 1)⁶.

⁶ Lotario had received more votes than any other. Lotario moved his chair away from the other cardinals to let them speak more freely. No one challenged his character or his learning, at least not openly, but he was, after all,

Tendo sido eleito papa, Lotário foi ordenado no dia 21 de fevereiro de 1198 e em seguida escolheu o nome de Inocêncio III. Fazendo-se uma leitura geral dessa época, pode-se constatar que este foi o período em que o prestígio e a influência dos papas cresceram de forma constante, desde os tempos de Gregório VII. Como se pode notar, ao longo do século XII, o legado dos papas se moveu através da cristandade, aplicando os princípios da reforma gregoriana, ou seja, destituindo os bispos cujos ofícios haviam sido obtidos indevidamente. Segundo Moore, em 1123, 1139 e 1179, prelados de toda a cristandade viajaram para Roma para participar de grandes concílios presididos pelo Papa na Basílica de Latrão. Estes concílios foram parte da crescente aceitação em toda a cristandade de que o papado era o escritório legislativo e judicial supremo para os assuntos da igreja (2003, p. 6).

2 A consciência pontifical do Papa Inocêncio III

Inocêncio inaugura o século com uma motivação nuclear que, em simultâneo, constitui um mantra norteador do seu pontificado: arrancar a Igreja do fundo da influência imperial e fazer com que o poder espiritual inspire os estratos sociais e civis da cristandade, tais como, o *modus operandi*, *modus vivendi*, as linhas do pensamento e os centros de interesse. Dessa forma, Inocêncio viu-se a cargo de papa não apenas como mero líder espiritual, mas também um líder secular. Aliás, como já se indicou na seção anterior, Inocêncio III se identificou não como vigário de Pedro, mas como vigário de Cristo na terra,

only thirty-seven. As they spoke, three doves penetrated the hall, and one came to rest near Lotario's chair. The cardinals were not credulous men, nor were they inclined to surrender their right of election to a supposed divine intervention. Still, the descent of the dove, the whitest of the three, made its impression and perhaps gave them the courage to place youth and vigor on the chair of Peter (MOORE, 2003, p. 1).

pois segundo ele, o papa não é vigário de qualquer homem ou Apóstolo de Cristo: o papa é o sucessor do príncipe dos Apóstolos, não o vigário dos Apóstolos (O'MALLEY, 2010, p. 126). Por isso, gozando dessa autoridade que ambicionava ser mentora da vida das pessoas na sociedade da Europa daquela época, Inocêncio III foi arrastado para disputas políticas, das quais se destaca a disputa dos três candidatos à coroa imperial na Alemanha como a mais intensa e prolongada. Além do mais, quando o trono imperial ficou vago pela morte de Henrique VI em 1197, e ainda não tendo sido eleito o sucessor, Inocêncio III viu nessa vacância do trono imperial, uma oportunidade para a restauração do poder papal em Roma e nos Estados da Igreja, assim como colocar em vigor o seu grande conceito do papado. Convém destacar que na ótica de Inocêncio III, o papado deveria ser a autoridade inquestionável e mentora do poder temporal. Por isso, Inocêncio III ao ascender ao trono pontifical, não emprega mais o 'nós papal' como vinha sendo utilizado, mas o 'eu'. Roland Fröhlich descrevendo e, ao mesmo tempo, enaltecendo os feitos e o legado de Inocêncio, narra a subida de Inocêncio ao sólio Pontifício em seguintes termos:

Um papa excepcional inaugura o século: sinal da força interior e exterior que a Igreja adquire. A aposta do conflito das investiduras – a eleição dos bispos sem influência nenhuma do imperador – é plenamente ganha; a ameaça que pesava sobre a liberdade do papa, em razão dos laços da Sicília com o Império alemão, termina com a morte do último dos Hohenstaufen. O perigo da heresia também é afastado; a inquisição torna difíceis novos protestos ou contestações. Ao mesmo tempo, duas novas ordens – franciscanos e dominicanos – oferecem-se a todos aqueles que consideram a mundanização e a falta de formação religiosa os males da época (1987, p. 99).

Seguindo a perspectiva de Schaff, pode-se dizer que esses feitos têm tudo a ver com a imagem do pontificado que Inocêncio tinha: ele estava convicto que

outrora Deus adjudicara e incumbira ao legatário de São Pedro⁷ o múnus apostólico de governar, tanto o mundo civil, quanto a Igreja, dado que 'o papa está acima do homem e abaixo de Deus'⁸. Deste modo, o governo civil deveria se relacionar com a Igreja como a lua ao sol. Assim, tal qual a lua fulgura em virtude da luz emitida pelo sol, o estado devia se naufragar e se esquentar na glória do governo pontifício e receber do papa o seu poder. Pois, é o sacerdote que unge o rei, e não o rei, o sacerdote. Portanto, é superior àquele que unge em comparação aos ungidos. Sob mesmo prisma, pode-se dizer que os príncipes têm autoridade em terras separadas, mas o pontífice exerce autoridade sobre todas as terras. Por um lado, o sacerdócio veio em virtude da criação de Deus, por outro lado, o poder real brotou através da violência e da astuta orquestração e maquinação humana⁹. Neste sentido, segundo Jean Comby, Inocêncio III afirmara:

A Igreja trouxe-me o mais precioso de todos os dotes, isto é, a plenitude do poder espiritual e a vastidão das posses temporais, com uma grande quantidade de riquezas. Pois os outros Apóstolos foram chamados a compartilhar o poder, mas só Pedro foi chamado a desfrutar da plenitude. Dele recebi a mitra para meu sacerdócio e a coroa para minha realeza; ele

⁷ “Como Deus deu a Cristo todo o poder no céu e na terra, então Cristo delegou a Pedro e seus sucessores a mesma autoridade. Não o homem, mas Deus fundou a Sé Apostólica. Em sua famosa carta ao patriarca de Constantinopla, 12 de novembro de 1199, ele deu uma elaborada exposição da comissão a Pedro. Só para ele o comando tinha sido dado, "Alimente minhas ovelhas." Só sobre ele tinha sido declarado: "Eu vou construir a minha igreja." O Papa é o vigário de Cristo, sim do próprio Deus. Não só ele é confiado ao domínio da Igreja, mas também com o domínio de todo o mundo” (SCHAFF, 1907, p. 157).

⁸ “Vós vedes”, disse ele [Inocêncio], “que tipo de servo o Senhor tem estabelecido sobre seu povo, nada menos que o vice-presidente de Cristo, o sucessor de Pedro. Ele está no meio entre Deus e o homem; abaixo de Deus, acima do homem; menos que Deus, mais do que o homem. Ele julga tudo e é julgado por ninguém. Mas ele, a quem a preeminência da dignidade exalta, é humilhado por sua vocação como servo, para que a humildade possa ser exaltada e o orgulho seja derrubado; pois Deus é contra os de espírito elevado, e para o humilde Ele mostra misericórdia; e quem se exaltar será abaixado” (SCHAFF, 1907, p. 156).

⁹ “Duas grandes luzes, disse Inocêncio, foram colocadas por Deus no firmamento do céu, e a estas correspondem à "autoridade pontifícia e à autoridade real", a que governa sobre as almas enquanto o sol governa durante o dia, a outra para governar sobre os corpos dos homens enquanto a lua governa durante a noite. E à medida que a lua obtém sua luz do sol, e como também é menor que o sol, tanto em qualidade quanto em tamanho, e no efeito produzido, assim o poder real obtém sua dignidade e esplendor da autoridade pontifícia que tem nela virtude mais inerente. O padre unge o rei, não o rei, o padre, e superior é aquele que unge aos ungidos. Príncipes têm autoridade em terras separadas; o pontífice em todas as terras. O sacerdócio veio pela criação divina; o poder rei pela manipulação do homem e violência” (SCHAFF, 1907, p. 159).

me estabeleceu vigário daquele sobre cuja veste está escrito: 'Rei dos reis e Senhor dos senhores, sacerdote por toda a eternidade segundo a ordem de Melquisedeque [...]'. Do mesmo modo que a lua recebe sua luz do sol, assim também o poder real recebe da autoridade pontifical o esplendor de sua dignidade. A plenitude do poder que recebemos daquele que é o Pai das misericórdias, devemos dela fazer uso, em primeiro lugar, em favor daqueles com os quais é preciso agir com misericórdia (INOCÊNCIO III apud COMBY, 1993, p. 137).

Destarte, ao afirmar possuir, na cristandade, a plenitude de poder e ao se declarar árbitro e soberano de toda a Europa, pode-se falar da teocracia de Inocêncio III, isto é, a sua ideia de que o poder temporal se respalda e se confirma no poder espiritual, dado que, na esteira de Schaff (1907, p. 152), Inocêncio III “levou à execução com sucesso a mais alta teoria da teocracia papal e antecipou os dogmas do Vaticano I de absolutismo papal e infalibilidade”¹⁰. Inocêncio tinha em mente que no domínio espiritual todas as Igrejas deviam lhe prestar submissão. Na opinião de Ferguson, Inocêncio “interpretou a mitra papal como sinal do seu cargo religioso e a tiara papal como a representação do seu domínio terrestre” (2017, p. 567). O domínio temporal conserva sua autonomia, porém, em nome da preeminência do espiritual, o papa podia intervir nos assuntos políticos, em caso do pecado, se a salvação dos cristãos estivesse em causa.

Noutra instância adjacente, o papa podia intervir também em casos de emergência ou situação crítica como, por exemplo, quando os príncipes não tinham superiores feudais. Lembre-se, Inocêncio queria ser, não somente sucessor de Pedro, mas ‘Vigário de Cristo’¹¹, com autoridade suprema na terra.

¹⁰ “He successfully carried into execution the highest theory of the papal theocracy and anticipated the Vatican dogmas of papal absolutism and infallibility.

¹¹ “Em vez de ‘vigário de Pedro’ (título papal anterior), ele preferiu vigário de Cristo (anteriormente utilizado para qualquer bispo ou padre, mas agora usado pela primeira vez, ao que parece, pelo papa, para referir-se a si mesmo), como mais um indicativo de sua autoridade, e buscou suas políticas nos poderes que esse título lhe deu. Seu sucessor Inocêncio IV, chamava a si mesmo de vigário de Deus, indicando a autoridade até mesmo sobre os incrédulos” (FERGUSON, 2017, p. 566).

Acreditava que os reis e príncipes derivavam do papa sua autoridade, podendo ele excomungá-los, depô-los ou colocar até mesmo o estado sob interdito¹². Convém observar que interdito papal consistia principalmente em proibir o clero de celebrar todas as cerimônias essenciais da Igreja¹³. Inocêncio podia ser o servo dos servos de Deus, mas ele também, e muitas vezes, se considerava o *verus imperator* (o verdadeiro imperador). Assim, Inocêncio colocou sob interdito muitos soberanos que não se submetiam às suas ordens. Por exemplo, em 1200, Inocêncio colocou Filipe Augusto e sua nação-estado, França, sob interdito. Segundo as fontes, tal fato aconteceu porque Filipe Augusto havia repudiado a sua primeira esposa para se casar com outra. Sabendo disso, Inocêncio o apelou a retomar sua primeira esposa em detrimento da segunda. Tendo seu apelo repellido pelo Filipe, Inocêncio recorreu ao interdito:

O interdito afetava toda vida da nação, fechava todas as Igrejas, exceto para o batismo de crianças; proibia extrema-unção aos agonizantes; proibia a celebração da missa, exceto para aqueles que estivessem doentes ou à beira da morte; proibia também sepultamento em chão sagrado. O sacerdote só podia pregar ao ar livre (CAIRNS, 1992, p. 174).

Em 1202 foi a vez do soberano do Santo Império Romano. Inocêncio começou por reivindicar o direito do papa de aprovar e desaprovar o imperador recomendado pelos eleitores germanos do Império. Depois, passou a interpelar e controlar a sucessão imperial. Sobre isso, Ferguson (2017, p. 568) avança que

¹² “Como Melquiseque, ele é ao mesmo tempo rei e sacerdote. Todas as coisas no céu e na terra e no inferno estão sujeitas a Cristo. Assim como eles também para seu vigário. Ele pode depor príncipes e absolver súditos do juramento de fidelidade. Ele pode impor a submissão colocando nações inteiras sob a interdição. Pedro sozinho caminhou com Jesus por sobre as águas e ao fazê-lo ele deu ilustração do privilégio único do papado para governar toda a Terra” (SCHAFF, 1907, p. 158).

¹³ É digno de nota salientar que nesta época, privar as pessoas do acesso aos exercícios e serviços religiosos por meio da Igreja, era visto como uma condenação categórica ao inferno, pois sem Deus por meio dos sacramentos a pessoa não podia gozar das alegrias eternas no céu, caso morresse nessas condições (FERGUSON, 2017, p. 568).

na bula papal *Venerabilem Fratrum*¹⁴, de 1202, Inocêncio reservou o direito da Igreja romana de até transferir o império de uma dinastia para outra. Entretanto, a bula não contestava o direito dos eleitores de escolher o governante, mas afirmava o direito do papa de analisar as qualificações do candidato, decidir eleições disputadas e resolver questões morais envolvidas. Isso pode ser evidenciado, por exemplo, quando o trono do imperador na Alemanha ficou vacante, Inocêncio III tornou-se o árbitro da eleição imperial, como já foi mencionado. Os eleitores ficaram divididos entre os dois aspirantes ao trono, Filipe da Suábia¹⁵, e Otto de Aachen¹⁶, sobrinho de Ricardo Coração de Leão e de João da Inglaterra, que apoiavam suas reivindicações com seu ouro e diplomacia. Ambas as partes fizeram seu apelo a Roma para assumir a posição vacante. Inocêncio deixou do lado Filipe, o Hohenstaufen, e favoreceu Otto, pois, ao contrário de Filipe, Otto prometeu obediência ao Papa e renunciou a toda a reivindicação de domínio nos Estados da Igreja, em Nápoles e na Sicília (SCHAFF, 1907, p. 162). Otto, então, foi reconhecido como rei por todos os príncipes e o papa o convidou para receber a coroa imperial em Roma, ameaçando com a excomunhão todos os que se recusassem a reconhecê-lo como tal. Porém, quando Otto não cumpriu com a sua palavra, foi tirado do trono, com a influência de Inocêncio, colocando Frederico II no lugar.

¹⁴ Segundo Charles G. Harbermann (2020), os principais pontos do decretal ou da bula papal são os seguintes: a) Os príncipes alemães têm o direito de eleger o rei, que depois se tornará imperador. Este direito lhes foi dado pela Sé Apostólica quando transferiu a dignidade imperial dos gregos para os alemães na pessoa de Carlos Magno; b) O direito de investigar e decidir se um rei assim eleito é digno da dignidade imperial pertence ao papa, cujo ofício é ungir, consagrar e coroá-lo; do contrário, poderia acontecer que o papa fosse obrigado a ungir, consagrar e coroar um rei excomungado, um herege ou um pagão; c) Se o papa descobrir que o rei que foi eleito pelos príncipes é indigno da dignidade imperial, os príncipes devem eleger um novo rei ou, se recusarem, o papa conferirá a dignidade imperial a outro rei; pois a Igreja precisa de um patrono e defensor; d) Em caso de dupla eleição, o papa deve exortar os príncipes a chegarem a um acordo. Se depois de um devido intervalo eles não chegarem a um acordo, devem pedir ao papa que arbitre, caso contrário, ele deve por sua própria vontade e em virtude de seu cargo decidir em favor de um dos reclamantes; e) A decisão do papa não precisa se basear na maior ou menor legalidade de qualquer das eleições, mas nas qualificações dos reclamantes.

¹⁵ Filipe era irmão de Henrique VI (imperador alemão), que foi coroado em Mainz.

¹⁶ Otto era filho de Henrique Leão, que foi coroado em Aachen por Adolfo, arcebispo de Colônia.

Dado o exposto, pode-se afirmar que o papa exercia seu poder, por manobras político-religiosas, nestas diversas constelações de potências da Europa, ou seja, nos normandos da Itália do sul, na Sicília¹⁷, na liga das cidades lombardas, em diversos príncipes da Europa, nas cidades-estados de França e Inglaterra. Desse modo, ele concentrava o poder espiritual e temporal em suas mãos. Essas afirmações são corroboradas também por outros episódios: a excomunhão que ele deu a Afonso IX de León por se casar com uma parenta próxima, mas que depois sua separação se efetivou em 1204; e aquela de 1208, quando Inocêncio excomungou João da Inglaterra por não aceitar Stephen Langton como candidato para o bispado de Cantuária. Interessa lembrar que, nessa ocasião, Inocêncio colocou João e toda Inglaterra sob interdito. Notando a situação caótica causada pelo interdito, “João reconheceu em 1213 que ele mantinha seu reino como vassalo feudal do papa e concordou em pagar mil marcos anuais ao papa” (CAIRNS, 1992, p. 174). Em todo o caso, os dois interditos e a excomunhão criaram alvoroço tanto na França como na Inglaterra, obrigando os soberanos em causa a se humilharem e a se submeterem às recomendações do papa.

3 Alguns feitos marcantes do Papa Inocêncio III no seu pontificado

Logo no limiar do seu papado, Inocêncio começou abolindo os últimos vestígios da autoridade do império na cidade de Roma. O prefeito da cidade, que representava o imperador, fez o juramento de fidelidade ao Papa, e Inocêncio o investiu com um manto e uma taça de prata. O senado também reconheceu a

¹⁷ “A morte do imperador Henrique VI deixou seu filho de quatro anos, Frederico II, rei da Sicília. A viúva do imperador, Constança, que governou a Sicília para seu filhinho, não conseguiu lidar sozinha com os barões normandos do reino siciliano, que se ressentiam do governo alemão e se recusavam a reconhecer o rei criança. Ela apelou para Inocêncio III para salvar o trono da Sicília para seu filho. O papa fez uso desta oportunidade para reafirmar a soberania papal sobre a Sicília, e reconheceu Frederico II como rei [...]” (HARBERMANN, 2020, p. 2).

autoridade de Inocêncio e jurou proteger a Sé romana e a prelazia de São Pedro (SCHAFF, 1907, p. 160). Ademais, “Inocêncio III continuou a política de recuperação das fronteiras dos territórios papais originais e, efetivamente, estabeleceu os estados pontifícios, os quais existiram pelo resto do período medieval” (FERGUSON, 2017, p. 567). A centralização do governo eclesiástico progrediu sob comando de Inocêncio III, assim como de seus sucessores no século XIII. Durante o século XIII, a prática do papa de escolher bispos e outros altos cargos eclesiásticos em sua própria autoridade, uma prática que começou no século XII, acelerou-se e progrediu cada vez mais. A exemplo de seus antecessores, Inocêncio III trabalhou para a reforma da Igreja, defendendo o celibato do clero, opondo-se à simonia, combatendo a corrupção dentro da cúria e reforçando o direito canônico. Inocêncio III, insistiu ainda com os bispos que fossem irrepreensíveis e os sacerdotes morassem em suas paróquias (FERGUSON, 2017, p. 567).

Outro feito de Inocêncio que ficou marcado na história da Igreja, e talvez seja o que mais lhe garante gozar de um grande prestígio no mundo eclesial é a convocação do quarto Concílio de Latrão. Como destaca O'malley,

Talvez a indicação mais confiável do prestígio que ele desfrutou e da autoridade que exerceu foi seu maravilhoso sucesso na convocação do Quarto Concílio Lateranense em 1215, no ano anterior à sua morte. O concílio foi uma das maiores e mais impressionantes assembleias da Idade Média e o maior concílio da história da Igreja até este momento (O'MALLEY, 2010, p. 127)¹⁸.

O IV Concílio de Latrão foi ‘o canto do cisne’ de Inocêncio e, diga-se também, foi o ponto mais alto e importante do papado dos séculos XI a XIII. Tal

¹⁸ Perhaps the most reliable indication of the prestige he enjoyed and the authority he wielded was his marvelous success in convoking the Fourth Lateran Council in 1215, the year before his death. The council was one of the largest and most impressive assemblies in the Middle Ages and the largest council in the history of the church up to this point (O'MALLEY, 2010, p. 127).

Concílio foi convocado por Inocêncio III por meio da bula *Vineam Domini Sabaoth*, de 19 de abril de 1213. O Concílio foi inaugurado em novembro de 1215, na Basílica de São João de Latrão, em Roma, pelo próprio Inocêncio. Dentre vários elementos abordados no concílio, destaca-se a convocação da Quinta Cruzada; o esclarecimento do papel da Eucaristia na Igreja por meio da declaração do dogma da transubstanciação (contra as heresias dos albigenses e valdenses); a abordagem de alguns ecos em relação ao axioma “fora da Igreja não há salvação”; a definição da obrigatoriedade da confissão anual e a emissão de novas leis sobre a consanguinidade e o casamento.

Segundo muitos analistas ainda, esse Concílio lançou o baluarte e o sustentáculo para as inquisições. Sobre a inquisição, Schaff (1909, p. 160) afirma que não pode ser negada a Inocêncio III a profunda preocupação na extensão da cristandade. Porém, o rigoroso sistema da Inquisição que ele colocou em pé gerou amargura e guerra de religiosos contra dissidentes cristãos, e de cristãos contra os muçulmanos (maometanos). Sendo assim, mais sangue foi derramado nas mãos da Igreja durante o pontificado de Inocêncio e sob seus sucessores imediatos realizando sua política do que em qualquer outra era, exceto durante a contrarreforma papal nos séculos XVI e XVII. Ademais, nesse Concílio, foram emitidos cerca de setenta decretos de reforma. Tais decretos endossavam principalmente a criação de escolas e a manutenção do clero em um padrão mais elevado do que os leigos, tanto em termos de conduta moral pessoal quanto em conhecimento de teologia. De uma maneira sintetizada, Bird, Peters e Powell, apresentam a ideia principal do Concílio em seguintes termos

Sua tarefa era construir a partir do trabalho dos concílios e papas anteriores da Igreja, bem como do trabalho mais recente dos teólogos e advogados canônicos do século XII, em direção à definição de dogma e do direito diante da necessidade de reformar a Igreja universal, para alcançar finalmente ‘a extirpação dos vícios e a implantação das virtudes’, para

corrigir excessos e reformar costumes, eliminar heresias e fortalecer a fé, para acalmar discórdias e estabelecer a paz, para conter as opressões e favorecer a liberdade, para persuadir príncipes e povos cristãos a ajudar e apoiar a Terra Santa (2013, p. 1-2)¹⁹.

Vale também destacar que foi no pontificado de Inocêncio III que foram aprovadas as ordens dos Dominicanos e dos Franciscanos os quais haviam sido fundadas a anos anteriores com intuito de pregar contra os hereges dualistas conhecidos como albigenses ou cátaros no sul da França (Dominicanos) e dar um testemunho de vida por meio da vivência da pobreza radical que Jesus vivia para pregar uma mensagem de arrependimento, paz e alegria (Franciscanos). Segundo O'malley,

Ao incentivar esses dois grupos, Inocêncio forneceu à igreja um novo conjunto de ministros, além do clero local, que se ocupavam das almas nas paróquias e outras instituições locais. Os dominicanos, franciscanos, e depois as outras ordens que os seguiam, exerciam seu ministério fora da estrutura paroquial, conforme orientação de seus próprios superiores e não do bispo local. Logo começaram a ocupar cargos importantes nas universidades, a estabelecer suas próprias escolas teológicas (*studia*) geralmente abertas a outros clérigos e a empreender missões evangelizadoras em terras exóticas. Eles produziram pregadores famosos e por seu zelo na pregação reavivaram este ministério cristão fundamental que durante meia dúzia de séculos esteve quase adormecido. O nome oficial da ordem dominicana é, portanto, verdadeiramente significativo, a Ordem dos Pregadores (2010, p. 126)²⁰.

¹⁹ Its task was to build upon the work of earlier church councils and popes, as well as the more recent work of twelfth-century theologians and canon lawyers, toward the definition of dogma and law in the face of the need to reform the universal church, to achieve at last “the extirpation of vices and the implanting of virtues, for correcting excesses, and reforming customs, eliminating heresies and strengthening faith, for quieting discords and establishing peace, for restraining oppressions and favoring liberty, for inducing Christian princes and peoples to aid and support the Holy Land .

²⁰ In encouraging these two groups Innocent provided the church with a new set of ministers besides the local clergy, who exercised care of souls in parishes and other local institutions. The Dominicans, Franciscans, and then the other orders that followed them, performed their ministry outside the parish structure as directed by their own superiors rather than the local bishop. They soon began to occupy important chairs in the universities, establish their own theological schools (*studia*) usually open to other clerics, and undertake evangelizing missions to exotic lands. They produced famous preachers and by their preaching zeal revived this fundamental Christian ministry that for a half dozen centuries had lain almost dormant. The official name for the Dominican order is, therefore, truly significant, the Order of Preachers.

Segundo o mesmo autor, o encorajamento de Inocêncio aos dominicanos e franciscanos é apenas uma indicação de sua preocupação com a melhoria da vida interna da Igreja (O'MALLEY, 2010, p. 126). Nota-se que embora insistindo na supervisão papal dos bispos, Inocêncio III deliberadamente reforçou a sua autoridade limitando os apelos a Roma e incentivando-os a realizar frequentes assembleias a nível local. Além disso, menciona-se que ele reformou os procedimentos da Cúria para torná-los mais eficientes e menos suscetíveis a subornos e outros abusos. Segundo O'malley, "mais de seis mil cartas de sua cúria ainda existem, muitas das quais trazem sinais de seu toque pessoal" (O'MALLEY, 2010, p. 127)²¹.

E, se apenas brevemente, ele também reuniu a Igrejas Oriental e Ocidental, confirmando em 1215 que, depois do bispo de Roma, o Patriarca de Constantinopla era o próximo na hierarquia. No entanto, antes disso, após o saque de Constantinopla (1204), Inocêncio tentara latinizar a Igreja Oriental: enquanto Constantinopla permaneceu em mãos francas tal qual o que era conhecido como Império Latino (1204-1226) e o título de imperador foi reivindicado pelos francos até 1383. Como muitos papas anteriores, Inocêncio teve no coração a recuperação da Terra Santa e de combater as heresias; para este fim, ele empreendeu as cruzadas como veremos a seguir.

4 Duas frentes de combate: as cruzadas e as heresias

De acordo com diversos historiadores da cristandade, as cruzadas tiveram a sua origem no século XI na Europa, e hoje elas são tidas entre os mais controversos eventos durante a prolongada rivalidade entre o cristianismo e o

²¹ "More than six thousand letters from his curia are still extant, many of which bear signs of his personal touch" (O'MALLEY, 2010, p. 127).

islamismo ao longo da história (NICOLLE, 2001, p. 7). Por isso, para compreendê-las torna-se necessário que se entenda o ambiente e as razões que favoreceram o seu surgimento. Em virtude disso, é relevante destacar que o século XI, foi o primeiro dos três grandes séculos conhecidos por terem sido marcados por experiências e inovações mais significativas da Idade Média. Aliás, estes séculos são conhecidos como a era dos pioneiros; dos soldados e de homens famosos por valentia na defesa dos interesses do estado-ecclesial. Para alguns pesquisadores desse período, como é o caso de Rops, esses séculos se caracterizaram mais por realizações de grandes reformas marcadas por grandes figuras de santidade, arte e conhecimento (1993, p. 487).

Por conseguinte, há um quase consenso unânime entre os historiadores cristãos no que se refere no fato de que as cruzadas foram o clímax de um movimento de reformadores da Igreja do século XI, pois, os envolvidos estavam engajados em um conflito com adversários eclesiásticos e seculares com intuito de recuperar o Santo Sepulcro e a Terra Santa da mão dos muçulmanos. Aliás, numa primeira fase, as cruzadas foram pensadas como contribuição da Igreja ocidental na luta contra as invasões dos turcos em Jerusalém. Várias cruzadas foram realizadas com esse objetivo embora nem todas elas foram exitosas como era esperado. Por isso, é viável concordar com Nicolle no que se refere à constatação que ele fez ao afirmar que durante nos séculos XII e XIII, as cruzadas foram de maior valor histórico e importante para a Europa Ocidental Cristã do que para o mundo islâmico. Para ele, esse foi um período de confiança crescente e determinação no universo católico (2001, p. 7).

Jones, no que lhe concerne, discorrendo sobre a origem das cruzadas, aponta que já por volta de 640 d.C. os “muçulmanos controlavam Jerusalém e as estradas que levavam à cidade (2009, p. 71). Nas estradas para Jerusalém, os muçulmanos convertidos (turcos) começaram a forçar os peregrinos cristãos a

pagar vastas tarifas”. A partir de 1071, com a conquista do território pelos turcos, a peregrinação cristã ao local passou a ser dificultada. Em 1093, o imperador bizantino Alex Commenus enviou um apelo a Roberto, Conde da Flandres pedindo sua ajuda contra os turcos muçulmanos que ameaçavam conquistar Constantinopla. Assim dizia Alex Commenus:

Venha então, com todo o seu povo e dê batalha com toda a sua força, para que todo este tesouro não caia nas mãos dos turcos [...]. Portanto, aja enquanto é tempo para que o reino dos cristãos não desapareça de sua vista e, o que é mais importante, o Santo Sepulcro desaparecerá. E ao chegar você encontrará sua recompensa no céu, e se você não vier, Deus irá condená-lo (PAYNE, 2000, p.382).

Como se pode notar, as cruzadas foram empreendidas com objetivos religiosos, porém, envolveram não só a Igreja, mas também o império. Por isso, para Latourette, o fator determinante para o início das cruzadas além de ser religioso era também político (1953, p.409). Neste contexto, pode-se dizer, então, que os papas viam nas cruzadas oportunidades de restaurar a unidade cristã, resgatando a Igreja do oriente. Por isso, de acordo com Rops,

Seria impossível que o pontífice que havia de elevar o Papado ao seu maior nível de poder não se consumisse em desejos de promover a nova Cruzada. Ser o papa da libertação do Santo Sepulcro! Os seus adversários gibelinos acusaram-no de ter visto na Cruzada sobretudo um meio cômodo de impor a sua autoridade por toda a parte, de se imiscuir em todos os reinos e de arrecadar contribuições exorbitantes. Muito mais do que isso, deve-se reconhecer nele o desejo legítimo e sagrado de libertar a Terra Santa e de dar à Igreja um êxito decisivo (1993, p. 511).

Inocêncio III, assim como outros papas, decretou uma Cruzada, a Quarta que iniciaria em 1198, almejando recapturar a Terra Santa. O papa dirigiu seu chamado aos cavaleiros e nobres da Europa, e não aos reis, pois, ele desejava que nem Ricardo I da Inglaterra, nem Filipe II da França, e muito menos os

alemães, participassem da cruzada. Portanto, o chamado de Inocêncio foi geralmente ignorado até 1200, quando uma cruzada foi finalmente organizada em Champagne. Os venezianos, porém, a reorientaram para o saque de Zara em 1202 e de Constantinopla em 1204, ao que Inocêncio ficou horrorizado com o ataque aos bizantinos, dado que antes do lançamento da Cruzada, ele insistira para que nenhuma cidade cristã fosse atacada. Ele denunciou severamente Bonifácio de Montferrat, comandante da chamada Quarta Cruzada, por suas ações em apreender Constantinopla em vez de retomar Jerusalém como seu juramento cruzado havia prometido. Inocêncio o condenou por profanar igrejas bizantinas em termos inequívocos, simpatizando com os gregos que difamavam os seus homens.

Ademais, Inocêncio é também conhecido por ser um papa que lutou implacavelmente contra as heresias. Foram as heresias que impeliram Inocêncio a empreender a cruzada contra os albigenses²², também denominados cátaros²³.

A heresia dos cátaros²⁴ se proliferou em Languedoc, Sul de França. Ao se tornar Papa, Inocêncio resolveu lidar com os cátaros; começou por uma conversão pacífica, porém, sem muito sucesso. Mesmo São Domingos conseguiu converter apenas um punhado de cátaros. Em 1206, o Papa buscou apoio para

²² “Albigenses”, porque a cidade de Albi era o centro do movimento (FRÖHLICH, 1987, p. 97)

²³ Segundo uma de várias versões, o termo vem do grego *katharoi*, que significa “os puros” (SETTIN, 1969, p. 167).

²⁴ Era uma doutrina constituída por uma miscelânea de doutrinas: Como os gnósticos e maniqueus, elaboraram uma cosmologia dualística; à doutrina dos sabélios, assemelha-se a sua doutrina sobre a Trindade. Como os docetistas creem que o trabalho da ‘aparência de Cristo’ foi vencer a força dos espíritos decaídos que dominavam aqui. Como os bogomilos e outras heresias maniqueístas, substituíram o sacramento do batismo por uma cerimônia iniciatória que consistia na invocação do Santo Espírito, colocando sobre a cabeça do candidato o Evangelho de São João e repetindo a oração do ‘Pai Nosso’. Rejeitavam a Ceia do Senhor, considerando que o pão da comunhão é o último discurso de Cristo no Evangelho. Como os maniqueus rejeitavam o uso da carne e o casamento. Como os paulicianos rejeitavam o uso de imagens como idolatria e consideravam como satânicas as Igrejas Grega e Romana [...]. Pregavam a completa renúncia aos bens materiais, a pobreza voluntária, a castidade (FALBEL, 1977, p. 38).

uma ação mais ampla contra os cátaros nobres de Languedoc; eles foram primeiramente excomungados.

O poderoso conde Raimundo VI de Toulouse que se recusou de ajudar, por exemplo, foi excomungado em maio de 1207. O papa convocou o rei francês, Filipe II, a agir contra os nobres que permitiam o catarismo, mas Filipe se recusou a agir. Raimundo encontrou-se com o delegado papal, Pierre de Castelnau, em janeiro de 1208. Entretanto, após tal reunião, Castelnau foi assassinado no dia seguinte. O papa reagiu ao assassinato emitindo uma bula declarando uma cruzada contra Languedoc e oferecendo a terra dos hereges como recompensa para aqueles que participassem na empreitada. Esta oferta de terra atraiu a nobreza do Norte da França para entrar em conflito contra os nobres do Sul. A cruzada foi perpetrada e ceifou vida de muitas pessoas, homens, mulheres e crianças, cátaros e outros. Fala-se de uma grande chacina como aponta Verdete:

O Papa Inocêncio III decidiu, após o assassinato de um legado pontifício, começar a Cruzada contra os albigenses, apanhando de surpresa a nobreza do sul de França, que teve de lutar do lado albigense para defender as suas terras da cobiça oportunista da nobreza do norte capitaneada por Simão de Monforte. Os cruzados antialbigenses levaram de vencida os heréticos e a nobreza que os apoiava, iniciando-se, depois, uma perseguição sem piedade. A cruzada completou-se com a instituição da Inquisição. Estava, assim, aberto o caminho a uma das páginas mais sombrias da Igreja. Ficava instituída uma perseguição judiciária sistemática aos heréticos por um tribunal eclesiástico da fé, com o apoio não só dos reis e imperadores, mas também de amplos círculos populares, sempre sequiosos do espetáculo das execuções dos heréticos (VERDETE, 2009, p. 23).

Considerando todos os dados até aqui apresentados, torna-se evidente que os fatos que constituem a história do nosso passado influenciam direto ou indiretamente na vivência da eclesiologia e da religiosidade atual. Não por

poucas tem se registrado em diversas ocasiões, o desejo de retomar o ‘espírito cruzada’ na busca de resolução de problemas diários que a Igreja tem enfrentado nas suas particularidades. Cabe destacar ainda que, ao falar de cruzadas no nosso contexto atual, dificilmente tem se olhado como algo que buscava preservar a integridade e valores cristãos como se encontra ilustrado nos evangelhos. A teoria de ‘guerra justa’, que foi por muito tempo foi utilizada como justificativa plausível para os massacres e derramamento de sangue inocente nas terras de batalha, não demonstra nenhum valor proveniente de Cristo, que morreu pendurado no madeiro da cruz. Infelizmente, nesta época, em nome de Cristo, se determinou a morte de muitas vidas inocentes para satisfazer interesses pessoais ou políticos. Um dos exemplos disso, pode ser ilustrado nesta narrativa feita por Phillips:

Um grupo de muçulmanos no teto do Templo de Salomão se rendeu, para ser morto logo em seguida. Mulheres e crianças não foram poupadas nesta brutal orgia de destruição [...] o horror destes acontecimentos deixou uma mancha indelével nas relações muçulmano-cristãs ao longo dos séculos²⁵ (2009, p. 26. tradução nossa).

Como destaca Tyerman, o simples fato da diferença religiosa entre muçulmanos e cristãos não era suficiente para provocar um conflito armado. Como já foi destacado nas seções anteriores, os cruzados procuravam libertar e defender território que havia sido conquistado pelos turcos. Aliás, cabe salientar que, eles não pretendiam eliminar a religião do Islã. Na verdade, segundo o mesmo autor, eles estavam bastante dispostos a fazer acordos políticos com governantes muçulmanos, incluindo os fatimidás egípcios (2006, p. 156).

²⁵ A group of Muslims on the roof of the Temple of Solomon surrendered, only to be killed soon afterwards. Women and children were not spared in this brutal orgy of destruction [...] the horror of these events has left an indelible stain on Muslim-Christian relations down through the centuries.

Sem querer aprofundar as questões referentes aos problemas causados pela interferência política na religião, é inevitável aos nossos dias, não constatar que o verdadeiro perigo da religião é que ela pode se tornar religiosidade; e o perigo da religiosidade é que esquecemos que somos criaturas caídas, propensas a branquear até mesmo nossos desejos mais tenebrosos (TYERMAN, 2006, p. 167). Portanto, ao falarmos dos feitos gloriosos do papa Inocêncio III, não se deve deixar de lado essas atrocidades que o acompanharam como fruto do seu tempo. Como pesquisadores na atualidade, devemos ter em mente, que as interpretações bíblicas e religiosas são passíveis de evolução e que elas não são condenadas à estagnação e eternidade. Desse modo, é fundamental fazer uma leitura dos fatos históricos dentro dos seus contextos e com uma mente aberta para mergulhar na cultura e no pensamento da época em estudo.

Considerações finais

A presente pesquisa tinha por objetivo principal apresentar de uma maneira geral o legado deixado por Papa Inocêncio III para a Igreja Universal. Para se alcançar tal objetivo, primeiro fez-se a análise do contexto político, social e eclesial do final do século XII e o início do século XIII, período em que ele viveu. Em seguida, abordou-se a sua consciência pontifical, destacando as suas principais convicções a respeito do cargo que ele desempenhava em nome de Cristo e da Igreja na Europa daquele tempo. Na terceira seção, apresentaram-se alguns feitos marcantes do seu pontificado, o que culminou com a análise das duas frentes de combate: as cruzadas e as heresias na última seção.

Um dos dados históricos polêmicos em relação ao pontificado de Inocêncio III é o da inquisição na luta contra as heresias da época. O seu ardente desejo de terminar com as heresias a todo custo, fez com que ele não exitasse

em condenar à morte, várias pessoas que se julgavam certos nas suas convicções doutrinárias e se opunham a essa doutrina tradicional preservada pela Igreja. É por isso que ele declarou a cruzada contra os albigenses onde foram executadas várias vidas a fio de espada. Mas, a história revela que esse desejo, não era apenas religioso, mas também político como já indicou-se ao longo do trabalho. Vale aqui lembrar que as cruzadas foram empreendidas por objetivos religiosos, porém, envolveram não só a Igreja, mas também o império.

Tendo como base o que foi abordado neste estudo, pode-se ousar afirmar que a figura e o papado de Inocêncio III, toca elementos e ações muito sensíveis ao pensamento contemporâneo; pois, de um lado, trazem à memória os feitos dos reis de Israel (considerados bons), tais como Ezequias (726-697 a.C.)²⁶ e Josias (641/640 a 610/609 a.C.)²⁷. Ezequias e Josias lutaram contra a idolatria (assim como, Inocêncio lutou contra heresia), restauraram o templo (a restauração do poder papal chega o seu ápice com Inocêncio) e procuraram centralizar o culto em Jerusalém (da mesma maneira como Inocêncio procurou centralizar o poder espiritual e temporal em suas mãos, e na cidade de Roma). Entretanto, de outro lado, enquanto enaltecem os feitos de Inocêncio III, é necessário apontar também alguns pontos obscuros desenvolvidos no seu reinado. O seu embate com os reis da França e Inglaterra, por exemplo, foram deixando a Igreja sem protetor e sem patrocínio dos soberanos do poder temporal. Os soberanos do poder temporal foram se enfurecendo por tanta humilhação com que passaram no reinado de Inocêncio. Como resultado disso, depois de Inocêncio III, se iniciou uma fase de decadência do poder espiritual. Aliás, numa linguagem figurada, pode-se até afirmar que o operado de Inocêncio

²⁶ Seu reinado está relatado em 2Rs 18 – 20.

²⁷ Seu reinado está relatado em 2Rs 22 – 23,30.

foi como pólvora que gradualmente se uniu ao fogo, chegando a se consumir no papado do Bonifácio VIII.

REFERÊNCIAS

BIRD, Jessalynn; PETERS, Edward; POWELL; James M. **Crusade and christendom: Annotated Documents in Translation from Innocent III to the Fall of Acre, 1187–1291**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2013.

BIRD, Jessalynn; PETERS, Edward; POWELL; James M. **Crusade and christendom: Annotated Documents in Translation from Innocent III to the Fall of Acre, 1187–1291**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2013.

CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos: Uma história da Igreja Cristã**. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1992.

COMBY, Jean. **Para Ler a História da Igreja I: Das origens ao Século XV**. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

DUARTE, Magda Rita Ribeiro de Almeid. **Inocência III (1216–2016): Oitocentos anos na história e reflexões sobre a Cruzada Albigense**. História Unisinos. v. 21(1), p. 68-81, jan./abr. 2017.

FALBEL, Nachman. **Heresias medievais**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

FERGUSON, Everett. **História da Igreja: Dos dias da Cristo à Pré-Reforma**. Rio de Janeiro: Editora Central Gospel, 2017. Vol. 1.

HARBERMANN, Charles G. **THE CATHOLIC ENCYCLOPEDIA**. Disponível em: <<https://www.newadvent.org/cathen/>>. 2020. Acesso em: 07 de agosto de 2021.

JONES, Timothy Paul. **Christian History Made Easy**. Torrance, CA: Rose Publishing, 2009.

LATOURETTE, Kenneth Scott. **A History of Christianity: Beginning to 1500**. New York: Haper San Francisco, 1953.

MOORE, John C. **Pope Innocent III: To root up and Plant**. Leiden; Boston: Brill, 2003.

NICOLLE, David. **The Crusades**: Essential Histories. London: Fitzroy Dearborn Publishers, 2001.

NOJEA, Traian. The Reformes of Pope Gregory VII (1073-1085): Some Canonical Considerations. In: **Revista Teologia**. Arad, ISSN 2247-4382, n.69. p. 97-110, abril de 2016. Disponível em: http://www.revistateologia.ro/downloads/Teologia/4_2016/9.%20Nojea.pdf. Acesso em: 22 jul. 2021.

NOLL, Mark A. **Turning Points**: Decisive Moments in the History of Christianity. Grand Rapids, MI: Baker Books, 1997.

O'MALLEY, John W. **A History of the Popes**: From Peter to the present. New York: A Sheed & Ward Book, 2010.

PAYNE, Robert. **The Dream and the Tomb**: A history of Cruzades. New York: Cooper Square Press, 2000.

PHILLIPS, Jonathan. **Holy Warriors**: A modern History of the Crusades. New York: Rodom house, 2009.

ROPS, Daniel. **A Igreja das Catedrais e das Cruzadas**. São Paulo: Quadrante, 1993.

SCHAFF, Philip. **History of the Christian Church**: The Middle Ages from Gregory VII to Boniface VIII. New York: Charles Scribner's Sons, 1907.

SETTIN, Kenneth M. **A History of the Crusades**: The first hundred Years. London, The University of Wisconsin Press, 1969.

SMITH, Jonathan Riley. **The First Crusade and the idea of crusading**. London: Continuum, 2003.

TIVEY, Michael Richard. **Defining ideology in the pontificate of Gregory VII**. 2011. Thesis (Master of Philosophy) - College of Arts and Law: Department of Medieval History, The University of Birmingham. Disponível em <https://core.ac.uk/download/pdf/5222842.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2021.

TYERMAN, Christopher. **The Crusades: A Very Brief Introduction**. Oxford University Press, 2006.

VERDETE, Carlos. **História da igreja católica**: Do Cisma do Oriente (1054) até ao fim do século XIX. São Paulo: Paulus Editora, 2009. v. 2.

VERDETE, Carlos. **HISTÓRIA DA IGREJA CATÓLICA**: Do Cisma do Oriente (1054) até ao fim do século XIX. São Paulo: Paulus Editora, 2009. v. II.